

# A reflexão sobre o fascismo nos *Escritos Corsários* de Pier Paolo Pasolini

Alexandre Pilati

Universidade de Brasília – Brasil

*alexandrepilati@unb.br*

## Resumen

El artículo analiza los textos del libro *Scritti Corsari* (1975) de Pier Paolo Pasolini. El objetivo central de la interpretación de los textos es la discusión sobre el tema del fascismo, dominante en la reflexión de Pasolini a principios de los años 70 del siglo XX. Según Pasolini, en ese momento, Italia estaba viviendo el surgimiento de un nuevo tipo de fascismo, derivado de la "sociedad de consumo". El artículo plantea cuestiones en torno a este "fascismo de consumo" y propone una relación entre la reflexión llevada a cabo por Pasolini y el pensamiento de Antonio Gramsci.

## Palabras clave

*Scritti Corsari*; fascismo; Pier Paolo Pasolini; sociedad de consumo; Antonio Gramsci

## Abstract

The article analyzes the texts of the book *Scritti Corsari* (1975) of Pier Paolo Pasolini. The main objective of the interpretation of the texts is the discussion on the subject of fascism, dominant in the reflection on Pasolini in the early 70s of the twentieth century. According to Pasolini, at that time, Italy was living the emergence of a new type of fascism, derived from the "consumer society". The article raises questions around this "consumer fascism" and proposes a relationship between reflection carried out by Pasolini and the thought of Antonio Gramsci.

## Keywords

*Scritti Corsari*; fascism; Pier Paolo Pasolini; consumer society; Antonio Gramsci

## Apresentação

No ano de 2015 completam-se 40 anos da morte do escritor e cineasta italiano Pier Paolo Pasolini, talvez um dos mais importantes intelectuais europeus do século XX. Sua obra extensa abrange a crítica literária, a poesia, a narrativa, o ensaísmo e o cinema. As diversas dimensões da obra pasoliniana possuem ao menos um elemento unificador: o forte sentimento de missão do intelectual/artista, que se assume como figura pública comprometida com as tensões sociais de seu tempo.

Assim, sua prolífica obra é a concretização de um desejo de, além de exprimir-se intelectual ou artisticamente, intervir de modo consciente e consistente em debates sociais, políticos e artísticos de seu país. Certamente, tal postura é devida em grande medida pela ligação de Pasolini com a tradição do pensamento marxista, de modo especial da relação dialógica que sua obra crítica e literária estabelece com o pensamento do italiano Antonio Gramsci.

Num texto muito conhecido escrito dos *Scritti corsari*, Pasolini apresenta uma espécie de súplica dessa concepção de intelectual destinado a intervir politicamente nas questões de seu tempo:

Sou um intelectual, um escritor, que busca acompanhar tudo aquilo que acontece, que busca conhecer tudo aquilo que se escreve, que busca imaginar tudo aquilo que não se sabe ou que se cala; que coordena fatos distantes, que liga peças desorganizadas e fragmentárias de um totalmente coerente quadro político, que reestabelece a lógica lá onde parecem reinar a arbitrariedade, a loucura e o mistério. Tudo isso faz parte do meu ofício e do instinto do meu ofício (Pasolini, 2013: 88).

Por isso, ao observarmos o Pasolini poeta, o polemista, o crítico literário, o narrador ou o cineasta, não podemos negar o sentido e o sentimento político de suas obras. Nelas encontraremos, sob variadas formas, um verdadeiro sentimento crítico com relação aos totalitarismos e às restrições da liberdade no mundo moderno, além de um apego não dogmático à filosofia marxista, a única que, segundo Pasolini, era capaz de mantê-lo aferrado à realidade.

Aqui se percebe claramente uma herança gramsciana, que Pasolini luta por manter viva e atuante em seus últimos escritos. Apenas a título de ilustração lembremos uma famosa passagem dos *Cadernos do Cárcere* em que o filósofo sardo falava sobre a necessidade de o intelectual ser mais do que um “especialista”, tornando-se um “persuasor permanente”:

O modo de ser do novo intelectual não pode mais consistir na eloquência, mas numa inserção ativa na vida prática, como construtor, organizador, “persuasor permanente”, já que não apenas orador puro – mas superior ao espírito matemático abstrato; da técnica-trabalho, chega à técnica-ciência e à concepção humanista histórica, sem a qual permanece “especialista” e não se torna “dirigente” (especialista + político) (Gramsci, 2011: 230).

Embora evidentemente a conjuntura política e cultural da Itália fosse diferente, Pasolini insere-se conscientemente nessa tradição de concepção de intelectual como político e como intérprete crítico e humanista da realidade. Nos seus textos corsários o autor tentou fazer de sua intervenção intelectual uma transfiguração tensa e crítica da experiência nacional italiana, seja em termos históricos seja em termos de sua conjuntura política contemporânea. Esse conjunto de textos, assim, configura a culminância de um longo processo de reflexão sobre a realidade italiana do pós-guerra.

Pasolini sempre esteve atento às questões histórico-sociais decisivas do progresso do século XX e tratou de lê-las a partir dos dados nacionais emergentes no cotidiano de seu país. As contradições formativas da condição nacional italiana, em relação com o capitalismo global são alvos constantemente da sua reflexão. A nação, portanto, é utilizada em diversos de seus escritos como uma grande mediação da experiência histórica do mundo ocidental, além de ser concebida como uma expressão verdadeira e ativa das contradições da luta de classes naquele estágio do capitalismo do pós-guerra. Considerando essa condição de intelectual e de artista declaradamente empenhado, como “persuasor permanente”, em refletir sobre o processo cultural, político e social da nação italiana, é possível identificar o papel de destaque que assume a reação ao fascismo nos trabalhos pasolinianos. Isto pois as duas décadas de regime fascista (de 1922 a 1943), seus antecedentes e conseqüências marcam profundamente a constituição nacional da Itália no século XX.

Do conjunto da obra estética e crítica de Pasolini, podemos tentar depreender as coordenadas de um método bastante peculiar de leitura das forças históricas em jogo na conjuntura italiana do pós-guerra. Um método que é concebido como crítica historicamente empenhada em observar permanência do fascismo e suas mutações, ao mesmo tempo em que tenta elaborar uma resistência ideológica e cultural às forças do obscurantismo. Quando analisada em seu conjunto, a obra de Pasolini deixa ver uma ampla crítica do fascismo, que é tomado como força regressiva permanente e cambiante na organização nacional da Itália. Nas diversas etapas de sua obra, podemos perceber algo como uma sombra do fascismo, que determina a direção do olhar do autor, fazendo-o permanecer em vigília a manejar inquietamente o pensamento a fim de dar conta das mutações das expressões culturais, sociais, políticas e econômicas de cunho fascista.

Nesse sentido, há inúmeros momentos privilegiados de figuração e de debate do fascismo em seus textos e em seus filmes, mas, neste trabalho, apresentaremos apenas uma proposição de análise pontual para a questão. O objetivo aqui é mapear as coordenadas essenciais do debate acerca do fascismo na última produção crítica pública de Pasolini, que foi reunida na coletânea de textos *Scritti Corsari* (1975).

### **Fascismos italianos na crítica corsária**

*Scritti Corsari*, publicado em 1975, reúne artigos, entrevistas e outros documentos de Pasolini veiculados na imprensa entre os anos de 1973 e 1975. A disposição de polemista e certa “desesperança nervosa” são as marcas de estilo mais claras dos textos, que giram em torno de um número reduzido de questões vinculadas às mudanças sociais ocorridas na Itália no decorrer dos anos subsequentes ao fim da II Guerra Mundial, de modo especial ao longo da década de 1960.

Tais questões podem ser nomeadas, grosso modo, como: 1) a revolução conformista, que se articulava, segundo ele, a uma nova configuração do fascismo e que impunha à população o destino praticamente irreversível de tornar a vida burguesa a única alternativa para a condição humana; 2) a “homologação cultural”, que fazia desaparecer culturas distintas dos fluxos centrais do capitalismo; 3) a “mutação antropológica dos italianos”, que evidenciava um caminho sem volta no que se refere às transformações sociais, políticas e ideológicas que apontavam para um recrudescimento da tendência de mundialização da experiência do capitalismo; 4) o vazio político provocado na sociedade italiana pelo domínio de trinta anos da Democracia Cristã, após a queda do regime de Mussolini.

O crítico Alfonso Berardinelli, no prefácio que escreve para apresentar a mais recente edição de *Scritti Corsari* (2013), afirma que, embora não sendo novo, esse bloco de questões era abordado segundo uma estratégia literária muito peculiar. Nos textos que publicava nos jornais e revistas nesta época, Pasolini desenvolve mais do que um estilo especial de “ensaísmo polêmico”. Na verdade a consistência dos escritos se deve ao desenvolvimento em ato de um gênero híbrido, que se aproveita do ensaio, da crônica jornalística, da crítica literária, do artigo teórico, da análise semiológica, da crônica. Nesse gênero corsário, talvez o elemento mais importante em termos estruturais seja a força do eu enunciador, que se coloca quase sempre declaradamente como personagem das polêmicas e dos processos políticos e sociais que descreve, escapando de uma projeção objetivista dos fatos, de uma enumeração abstratizante de conceitos e,

conseqüentemente, de um apagamento das circunstâncias pessoais do analista. Referindo-se ao conteúdo desse conjunto de textos, Berardinelli afirma:

O sentido da argumentação era claro: aquilo que tornava indistinguíveis um jovem fascista de um jovem antifascista, ou um grupo de proletários de um grupo de burgueses, era o fim do fascismo e do antifascismo clássicos, o fim do velho proletariado e da velha burguesia. Era o advento (o Advento) de um novo modelo humano e de um novo poder que apagavam o semblante físico e cultural precedente da Itália, modificando radicalmente a base social e humana das velhas instituições. (Berardinelli, 2013: IX).

Fica bem delineado, então, pela justa apreciação de Berardinelli, o “sentido da argumentação” corsária de Pasolini, que está ali plasmado na necessidade de exprimir a consciência dilacerada do autor acerca de uma lei básica do capitalismo: aquela que impõe como necessária a manutenção da aparência de transformação para que se alcance garantir a essência de conservação das contradições que movem e reproduzem as estruturas elementares do sistema, criando novas formas de totalitarismo e intensificando a opressão de culturas organicamente vinculadas ao povo. Os textos corsários de Pasolini dão, dessa forma, vazão ao empenho de descrever e de criticar a transformação do “povo”, aferrado a tradições relativamente alheias à história e à cultura burguesas, em “massa”, para a qual as tradições populares já não faziam sentido graças ao determinismo radical dos modelos culturais, políticos e sociais burgueses. Além de descrever criticamente o processo, Pasolini desejava identificar que desdobramentos estariam implicados em tal transformação. Tratava-se, então, de criticar a “entrada na história” daqueles que, na sua visão, achavam-se ainda “fora dela”.

Para o polemista corsário, o primeiro sintoma da mutação conservadora que se intensificava desde os anos 1960 na Itália é o da indiferenciação. Diante disso, Berardinelli afirma que o pensamento de Pasolini, nesse conjunto de textos, está a serviço da denúncia de que, cada vez mais, há uma indiferenciação entre os termos segundo os quais se estabelecia o debate a respeito da política e da sociedade italianas na contemporaneidade. Em seu estilo combativo, Pasolini estava determinado a demonstrar que termos clássicos do debate político e social tais como “fascismo” e “antifascismo”, “progresso” e “regressão”, “revolução” e “restauração” estavam de alguma forma exauridos. Assim, deixavam de ser oposições operacionais para a crítica aguda do mundo contemporâneo, uma vez que estavam convertendo-se em oposições puramente terminológicas ou retóricas. Não é que tais distinções tivessem perdido o sentido: o que Pasolini propunha era que suas determinações agora eram outras, e, portanto, bem

diferentes daquelas da primeira metade do século XX. Era preciso resignificar essas categorias, com o olhar atento às forças em jogo na conjuntura presente. A indiferenciação estava vinculada a uma aceleração abrupta da história italiana, sendo, ao mesmo tempo, fruto e razão de um movimento de cristalização de um novo súdito (o consumidor) que se curvava para um novo poder (o neocapitalismo). Sob a ótica de Pasolini, até mesmo alguns bons intelectuais e a quase totalidade dos partidos políticos tinham sido acometidos de uma cegueira em virtude da velocidade da transformação radical da sociedade. O que está, pois, criticado no “ensaísmo de emergência” pasoliniano, que é um “raro exemplo de crítica radical da sociedade moderna” (Berardinelli, 2013: IX), é o estabelecimento de uma nova forma de exercício da opressão do Capital sobre a humanidade e das conseqüências mais ostensivas desse processo. O Capital, agora, de modo violento, assedia os homens sem as clássicas mediações de poder (a Igreja, os Partidos, a Legislação etc.), dando, assim, um passo importante para a sua assunção como sujeito total da História. Para Berardinelli, Pasolini enxergava esse movimento com certo esquematismo conceitual, mas com uma rara disposição de ampliação do alcance material do olhar da crítica cultural que era praticada no momento pela intelectualidade européia. Segundo Berardinelli, Pasolini estava consciente desse movimento, o qual por ele era nomeado como um “genocídio” cultural definitivo, lembrando o Marx do *Manifesto comunista*. De acordo com Berardinelli, Pasolini colocava nesses termos a ascensão do novo poder totalitário:

Sem necessidade de golpe de estado, ditaduras militares, controles policiais e propaganda ideológica, o Novo Poder sem rosto se impunha pragmaticamente apossava-se do comportamento e da vida cotidiana de todos. As diferenças de riqueza, de renda e de hierarquia tinham cessado de criar diferenças qualitativas de cultura, tipos humanos diversos. Os pobres e os sem poder não aspiravam a ter mais riqueza e mais poder, mas a ser em tudo exatamente como a classe dominante, tornada culturalmente a única classe existente. (Berardinelli, 2013: X).

Se a entrada do argumento pasoliniano é a cultura, não se deve, todavia, considerá-lo meramente culturalista. O movimento de homogeneização e de ascensão de uma forma avassaladora de poder totalitário leva Pasolini a expressar sua angústia com relação aos rumos da história italiana, fazendo o alerta, às vezes desesperado, da consolidação local e global de uma nova forma de fascismo, a qual era a expressão de uma nova etapa econômica do mundo ocidental. Este novo fascismo, por sua vez, exigiria como resposta o desenvolvimento de uma nova forma de antifascismo, sob pena de se tornarem

anódinas, puramente cronísticas ou meramente decorativas as críticas dos intelectuais à sociedade do seu tempo. É por uma crítica à altura das exigências da sua contemporaneidade que Pasolini irá estruturar, ao longo dos *Scritti corsari*, um debate que considera ser essencial ao esforço de resignificar os termos relacionados ao campo semântico do fascismo, sob pena de o intelectual se achar, a qualquer momento e inesperadamente, colhido de modo inexorável pela violência do novo totalitarismo consumista, transformando-se seu cúmplice, ou, no melhor dos casos, um seu espectador privilegiado, mas inerme.

Em todos os *Scritti corsari*, embora se verifique o tratamento de outros temas, Pasolini dispõe-se com afinco a investigar o novo Poder, a descrever a sua dinâmica uniformizadora e a refletir sobre as suas possíveis conseqüências. A referência imediata a que o autor confronta o novo Poder, a fim de defini-lo, é o regime de Mussolini com suas características básicas: o totalitarismo, o militarismo, o nacionalismo, o idealismo, o misticismo, o sentido prático e anti-teórico. Ademais dessa referência geral, é bastante operativa na argumentação corsária a concepção gramsciana a respeito do fascismo de Mussolini como a primeira organização de massa da pequena burguesia da história. É no contraste com essa realidade nacional do regime fascista que Pasolini construirá sua argumentação a respeito do novo Poder.

Este é assim apresentado pelo autor em um texto de 24 de junho de 1974, que havia sido publicado no “Corriere della Sera” com o sugestivo título de “O Poder sem rosto”:

sinceramente não sei em que consiste este novo Poder e quem o representa. Sei simplesmente que existe. Não o reconheço mais nem no Vaticano, nem nos Poderosos democratas-cristãos, nem nas Forças Armadas. Não o reconheço mais nem mesmo na grande indústria, porque esta não é mais constituída por um certo número limitado de grandes industriais: para mim, ao menos, esta aparece mais como um *todo* (industrialização total), e, além do mais, como um *todo não italiano* (transnacional). (Pasolini, 2013: 46).

Como se vê, a questão do novo poder está articulada a uma nova etapa da experiência nacional, concebida como expressão local da luta de classes. De alguma forma, mantinham-se antigas relações de poder entre as classes sociais cuja marca renovada seria, entretanto, uma totalização transnacional do poder. A idéia de nomear o novo Poder como um poder “sem rosto” não deriva de um desconhecimento de Pasolini dos verdadeiros responsáveis pela nova etapa de modernização da Itália, ou pela “mutação antropológica” dos italianos. Na verdade, podemos entender essa concepção de “poder sem rosto” como parte de uma estratégia argumentativa (que no limite é crítica da forma cultural do novo

fascismo) que visa alertar para a agudeza das novas formas de totalitarismo, que Pasolini irá vincular claramente à sociedade de consumo. O rosto do Poder é invisível (ou irreconhecível) porque ele não se deseja (e nem precisa ser) diferente daqueles a quem oprime. Ser “sem rosto”, no fundo quer dizer que se trata de um poder que se disfarça como não poder. Uma das forças elementares, portanto, desse totalitarismo, que encontramos descrita na base do pensamento pasoliniano, é o fato de que agora o Poder deseja um máximo de identificação, e não de distanciamento formal, com aqueles a quem oprime. Por isso a noção de homogeneização cultural tem tanto destaque na argumentação pasoliniana: ela não é apenas um movimento culturalmente igualador das classes sociais cuja referência é a condição burguesa; a homogeneização, sobretudo, depende de um movimento de mascaramento do verdadeiro rosto do poder totalitário. Como diz o poeta em outro momento do mesmo conjunto de textos: “nunca como hoje fez tanto sentido a afirmação de Marx segundo a qual o capital transforma a dignidade humana em mercadoria de troca” (Pasolini, 2013: 80). Por isso, Pasolini argumenta que, embora não se delinheie facilmente um rosto para o novo Poder, não é difícil reconhecer-lhe algumas características:

por exemplo a sua recusa ao velho reacionarismo e ao velho clericalismo, a sua decisão de abandonar a Igreja, a sua determinação (coroada de sucesso) de transformar camponeses e subproletários em pequeno-burgueses, e sobretudo, o seu desejo, por assim dizer, cósmico, de realizar até o limite o ‘Desenvolvimento’: produzir e consumir. (Pasolini, 2013: 46).

Para a concepção de Pasolini acerca da nova etapa histórica italiana, portanto, é essencial considerar o caráter impositivo do destino “desenvolvimentista” capitaneado pelo poder “sem rosto” do capital transnacionalizado, que se verticaliza colhendo todas as classes sociais em um moto-contínuo de transformação homogeneizante. Por isso, para ele, é possível considerar esse conjunto de determinações como uma forma nova e “total” de fascismo, que não deveria ser nem descrita nem criticada segundo os termos da velha disputa política entre fascistas e antifascistas. Isto manteria viva uma falsa tensão, de que o Poder sem rosto precisa para agir sobre as consciências, inculcando-lhes, como não-Poder e como forma de liberdade moderna, aquilo que realmente interessa a ele. Tal tensão se caracterizaria, muitas vezes, por produzir-se o debate público e as lutas sociais apoiando-os em conceitos, paradigmas e ideologemas que teriam perdido o seu valor político real, convertendo-se em formalismo discursivo esvaziado de realidade. A homogeneização promovida pela mutação antropológica levada a termo pelo neofascismo de consumo não se dá “apesar” da manutenção de velhos debates e velhas disputas. A homologação



se dá também pelo fato de que os debates permanecem esvaziados de realismo: de modo progressivo e intenso, todos se uniformizam culturalmente, enquanto a aparência de diferença e tensão permanece, como se tudo não passasse de mais uma mercadoria (nesse caso a própria crítica cultural) oferecida para que se complete a pauta consumística nos diferentes setores da sociedade. O neofascismo de consumo, para ele, carregaria, como trunfo principal, o fato de que a repressão que homologa é atingida através da cultura da prática da pseudotolerância e da sedutora “imposição do hedonismo e da *joie de vivre*” (Pasolini, 2013: 46) à moda burguesa.

Os debates teóricos e as disputas políticas que recuperavam antigas categorias sem a preocupação de atualizá-las, portanto, acabam contribuindo para a consolidação do novo fascismo de consumo, uma vez que liberavam a consciência dos contendores para o contemporâneo e toldavam a possibilidade de ação promotora de verdadeira transformação da sociedade, ou, ao menos, da sempre necessária reação crítica ao totalitarismo. Os debates que não consideram essa essência atual do fascismo, pois, teriam por objetivo apenas: “gratificar a nossa consciência com a nossa indignação; e quanto mais forte e petulante ficava a indignação, mais tranqüila ficava a consciência” (Pasolini, 2013: 49).

Atualizar os termos do debate e reconhecer a sua dinâmica própria no presente seria fundamental para não perder o horizonte de emancipação humana e de transformação social inerente à verdadeira crítica política, um resíduo gramsciano ainda latente nesta crítica corsária. Além do mais, para Pasolini, esta seria uma forma de fugir a esquemas deterministas ou naturalistas de observação do fenômeno social. A homogeneização antropológica (de linguagem, de aparência, de desejos) entre fascistas e não fascistas naquele então era, segundo o autor, um problema. Tanto quanto era um erro intelectual considerar que um jovem fascista estava “predestinado biologicamente a ser fascista, e [que] diante desta decisão de seu destino não houvesse nada a fazer” (Pasolini, 2013: 49). Apressar-se a condenar um jovem por ter tomado irracionalmente a decisão de ser fascista, considerando-o como um representante inevitável do Mal, era desprezar a capacidade transformadora das ações organizadas socialmente e do acúmulo de pensamento político e crítico no campo da “batalha das idéias”. A indiferenciação promovida pelo novo poder, assim, segundo a ótica de Pasolini, dificultava ainda mais a ação reativa a ele, além de não deixar muita alternativa quanto às possibilidades de resgate das novas gerações das tramas ideológicas do neofascismo de consumo. Figurando, com grande tino literário, o difícil impasse inerente a esse debate, Pasolini afirma: “Em uma praça cheia de jovens, ninguém poderá distinguir, pelo seu

corpo, um operário de um estudante, um fascista de um antifascista; coisa que ainda era possível em 1968” (2013: 48). Se, entretanto, o diagnóstico passa pela atualização do conceito de fascismo e de suas formas de opressão pautadas no gozo do consumo e da pseudotolerância, resiste a pergunta sobre o que é possível produzir em termos de ação emancipatória das camadas populares. Estaria determinada a sua derrota? Assim se pronuncia Pasolini sobre o assunto:

o velho fascismo, mesmo através da degeneração retórica, diferenciava; mas o novo fascismo – que é uma coisa muito diferente – não diferencia mais: não é humanisticamente retórico, é americanamente pragmático. O seu objetivo é a reorganização e a homogeneização brutalmente totalitária do mundo (Pasolini, 2013: 50).

Esta observação crítica da modernização neocapitalista da Itália durante e a concepção da sociedade de consumo como novo totalitarismo fascista rende a Pasolini uma série de acusações e reprimendas, que partem de políticos, artistas e intelectuais. Entre estas talvez a mais contundente e significativa seja a de Italo Calvino que acusa Pasolini de sentir saudades da chamada “Italieta”, o país rural e tradicionalista da era pré-industrial, pois lamentava a sua substituição pela moderna cultura urbana e transnacionalizada em ascensão no país. Para Calvino, a crítica pasoliniana ao presente não passava da expressão de um sintoma de saudosismo com relação ao mundo atrasado da Itália, que, segundo ele, era predominantemente camponesa, católica e conservadora. Contra isso, em um texto de 1974, Pasolini irá argumentar, primeiramente definindo o que, em seu entender, seria a “Italieta” evocada erroneamente por Calvino:

A “Italieta” é pequeno-burguesa, fascista, democrata-cristã; é provinciana e à margem da história; a sua cultura é um humanismo escolástico e vulgar. Desejas que eu tenha saudade de tudo isso? Por aquilo que me toca, esta Italieta é um país de gente autoritária que me prendeu, processou, perseguiu, atormentou, linchou por quase dois decênios (Pasolini, 2013: 51).

Aquilo que Pasolini identificava, entretanto, como vítima essencial do novo fascismo é, como ele defenderá neste texto e em outras intervenções, o que chama de “mundo camponês”. Segundo ele, é o mundo camponês uma “imensidão humanizada” pré-nacional e pré-industrial, a qual ele, de fato, lamenta ter se perdido com o avanço na nova etapa do capitalismo na Itália. Os homens que (re) produziam esse mundo viviam, segundo Pasolini, na “idade do pão” e eram, “consumidores de bens extremamente necessários. E era isso que tornava extremamente necessária a sua pobre e precária vida” (Pasolini, 2013: 53). Nessa existência “precária e necessária”, havia claramente, por parte desses

homens, uma consciência do pertencimento a uma classe, o que não era exprimido como patologia por eles, mas, sobretudo, como modo de afirmação e de diferenciação cultural em relação à outra classe. Para ele, as distinções de classe, antes da veloz mutação provocada pelo novo fascismo, ainda produziam uma identificação verdadeira entre os membros dos diversos grupos sociais. Mais ainda, dentro das distinções de classe, era possível perceber particularidades concretas em termos de condições culturais regionais. Ao contrário disso, conforme Pasolini, sob os auspícios do novo fascismo, os homens, mesmo os camponeses, “são conformistas e todos iguais uns aos outros segundo um código interclassista (estudante igual a operário, operário do Norte igual a operário do Sul): ao menos potencialmente, na ansiosa vontade de uniformizarem-se” (Pasolini, 2013: 55).

Assim, a destruição do mundo camponês se dava, a seu ver, de um modo radical (tal e qual a indiferenciação cultural das classes), ao mesmo tempo em que condenava os homens a uma mutação antropológica que transformava as peculiaridades de classe e de região em elementos decorativos de uma mesma condição cultural, a da burguesia consumista, que irradiava os códigos da “homogeneização interclassista” do novo fascismo. Como afirma o autor em outro texto, de 11 de julho de 1974, o novo poder, que é para ele o mais totalitário e violento que jamais existiu, modifica a natureza das pessoas, pois age no mais profundo de suas consciências. Isso, evidentemente, produzirá conseqüências dramáticas em termos políticos e sociais. Nas palavras do autor:

A cultura italiana mudou na vivência, no essencial, no concreto. A mutação consiste no fato de que a velha cultura de classe (com as suas divisões claras: cultura da classe dominada, ou popular, cultura da classe dominante, ou burguesa, cultura das elites), foi substituída por uma nova cultura interclassista: que se exprime através do modo de ser dos italianos, através da sua nova qualidade de vida. As escolhas políticas, germinando no velho húmus cultural, eram uma coisa: germinando neste novo húmus cultural são outra (Pasolini, 2013: 57).

Pesadas essas distinções, há, entretanto, um liame político-partidário entre o novo e velho fascismo. Segundo Pasolini, este liame é a Democracia Cristã, que dominara a cena política após o fim da II Guerra Mundial e que, para ele, era de fato uma continuidade do estado policialesco fascista. Pasolini enxergava muitas semelhanças entre a Democracia Cristã e o velho fascismo, sendo a principal delas o fato de ser diretamente “patronal”, ou seja, ambos serviam a um mesmo senhor, que, para ele, não havia dúvidas: tratava-se do grande capital. Essa determinação “patronal”, em essência, era um dos motivos principais da

manutenção da Democracia Cristã no protagonismo do poder por tanto tempo após a queda formal do velho fascismo. Comentando o continuísmo da substância que alimentara politicamente o fascismo e que permaneceu cevando no pós-guerra a Democracia Cristã, diz Pasolini:

Seja um, seja outro, de fato, apesar de serem expressão da pequena burguesia e do mundo rural, na realidade serviam aos patrões, ou seja, o grande capital. São banalidades, mas é melhor repeti-las. Os democratas-cristãos sempre se fizeram passar por antifascistas: mas sempre mentiram (alguns talvez inconscientemente). O seu superpoder eleitoral dos anos cinqüenta e o apoio do Vaticano consentiram a eles continuarem, sob o escudo de uma democracia formal e de um antifascismo verbal, a mesma política do fascismo. [...] De fato, enquanto diretamente patronal, isto é, fascista, a Democracia Cristã continuou a elaborar, sob uma chave mais acentuadamente católica e hipocritamente democrática, a velhas retóricas fascistas: academicismo, oficialismo etc. (Pasolini, 2013: 95).

Assim, conforme Pasolini, haveria mais continuidade e homologia entre o fascismo velho (o fascismo fascista) e a política gerida pela Democracia Cristã (o fascismo democrata-cristão) do que oposições entre ambos. A verdadeira oposição, ele insiste em um belo texto de 1º fevereiro de 1975, é encontrada entre o fascismo fascista e o fascismo “radicalmente, totalmente, imprevisivelmente novo que nasceu de alguma coisa que aconteceu há uma dezena de anos” (Pasolini, 2013: 128).

Para mostrar a seqüência e as imbricações entre aquilo que considerava os três tipos de fascismo italiano (o fascismo fascista, o fascismo democrata-cristão e o fascismo novo) Pasolini constrói a bela imagem do “desaparecimento dos pirilampos”. Nas suas palavras, este acontecimento é assim narrado:

Nos primeiros anos da década de sessenta, por causa da poluição do ar, e, sobretudo, no campo, por causa da poluição da água (os rios azuis e os regatos transparentes) começaram a desaparecer os pirilampos. O fenômeno foi fulminante e repentino. Em poucos anos os pirilampos não existiam mais. (São agora uma lembrança, bastante dolorida, do passado: e um homem velho que tenha uma tal lembrança, não pode reconhecer nos novos jovens a si mesmo quando jovem, e então não pode mais ter as belas saudades de outrora). A esta “coisa” que aconteceu há uma dezena de anos, então, chamarei “o desaparecimento dos pirilampos” (Pasolini, 2013: 129).

O parágrafo constitui uma metáfora que grava em sua arquitetura as conseqüências naturais do avanço do neocapitalismo e projeta tais conseqüências como símbolos das conseqüências culturais, políticas e sociais. Desse modo, ao

valer-se dessa imagem, o autor divide o regime democrata-cristão em duas fases que considera absolutamente distintas. A primeira fase iria, segundo ele, do fim da Segunda Guerra Mundial ao “desaparecimento dos pirilampos”; a segunda fase iria do “desaparecimento dos pirilampos” até hoje. Segundo Pasolini, na primeira fase, a Democracia Cristã, embora assumindo o poder com um discurso antifascista, guardava com o fascismo uma série de homologias, o que, segundo ele, atestaria, como já dissemos, uma “continuidade total e absoluta” (Pasolini, 2013: 129). Isto ocorre porque a democracia proposta pelos Democratas Cristãos, em oposição ao fascismo, não era nada além de um recurso “despudoradamente formal” para manter o domínio do poder central. Traços dessa continuidade entre o “fascismo fascista” e o “fascismo democrata cristão” são, segundo Pasolini, a continuidade dos códigos político-sociais, a violência policial, o desprezo pela Constituição, a falta de purgação. Além disso, um e outro fascismo partilhavam o contingente que lhes dava respaldo eleitoral: setores significativos da classe média e dos camponeses controlados pelo Vaticano. Tudo isso compunha, na visão de Pasolini, um universo predominantemente fascista, com diferentes protagonistas e uma consistência político-eleitoral comum:

Em tal universo os “valores” que contavam eram os mesmos que contavam para o fascismo: a Igreja, a pátria, a família, a obediência, a disciplina, a ordem, a economia, a moralidade. Tais “valores” (como de resto durante o fascismo) eram “também reais”: pertenciam então às culturas particulares e concretas que constituíam a Itália arcaicamente agrícola e paleoindustrial. (Pasolini, 2013: 129-130).

A Itália “arcaicamente agrícola e paleoindustrial” a que se refere Pasolini seria um lugar onde ainda existiriam os pirilampos, em que a vivência particular e coletiva do tempo ainda não havia sido colhida pelos vetores da modernidade dos novos ciclos de industrialização verificados no Pós-Guerra. Os valores desta Itália eram verdadeiros enquanto pertencentes a uma cultura pré-nacional e tornavam-se falsos à medida que se convertiam nos “valores nacionais italianos”, tornando-se um mero recurso de “conformação de Estado”, tivesse esta conformação um cunho fascista ou um cunho democrata-cristão. Tudo isso gerava, na ótica pasoliniana, uma cultura pequeno-burguesa que celebra a ignorância, partilhada pelas elites e pelas massas, cujos paradigmas políticos e culturais seriam o pragmatismo político e o formalismo discursivo do Vaticano. Esse é, portanto, o cenário histórico de relativa permanência do fascismo que se vê no período que o autor denominou de anterior ao “desaparecimento dos pirilampos”.

Pode-se dizer, então, que os elementos que compõem este cenário passam a flutuar no ambiente político social e cultural italiano no período que ele chamará posterior ao “desaparecimento dos pirilampos”. Com tal flutuação, valores originários do velho universo agrícola e paleocapitalista falsificados pela nacionalização não contam mais nem sequer como valores falsos, pois substituem-nos a expressão verdadeira da nova etapa capitalista, totalmente diversa. Esta nova etapa não pode ser traduzida mais, segundo Pasolini, com a conhecida expressão “novos tempos”, uma vez que seria, na verdade, algo da ordem de uma nova “etapa da história humana”. Uma etapa em que o poder totalitário se expressaria em termos de liberdade consumística e a repressão ganharia falsamente a forma da tolerância. Noutros termos, diríamos que a solidez dos aparelhos repressivos do antigo poder, que ainda serviram aos democratas cristãos no primeiro período após a Segunda Guerra Mundial, nesta nova fase do capitalismo na Itália se havia, de algum modo, liquefeito. Tais aparelhos ganharam uma aparência fantasmática e o poder político dos democratas cristãos, embora garantido em termos de cargos eleitorais, flutuava sobre o verdadeiro poder totalitário do consumismo que operava a mutação antropológica, tão incessantemente perseguida pelo pensamento corsário pasoliniano. Constatando o verdadeiro “vazio de poder” dentro das instâncias políticas que crescia enquanto outro fascismo assediava a consciência do povo Pasolini conclui:

Os homens de poder democratas-cristãos passaram da “fase dos pirilampos” à “fase do desaparecimento dos pirilampos” sem se dar conta. Apesar de isso poder estar próximo da criminalidade a sua inconsciência neste ponto era absoluta: não suspeitaram minimamente que o poder, que eles detinham e controlavam, não estava simplesmente sendo sofrendo uma “normal” evolução, mas estava radicalmente mudando de natureza (Pasolini, 2013: 133).

Eis, portanto, o que podemos considerar, ordenada segundo três tópicos, uma súmula conclusiva do pensamento de Pasolini sobre o fascismo como permanência político-cultural da nação italiana no século XX: o “fascismo fascista” deitou raízes políticas profundas em solo italiano durante duas décadas, mas suas imposições comportamentais não afetavam a consciência dos italianos, configurando-se mais como máscaras de conveniência para se por e tirar; o “fascismo democrata-cristão” desenhou-se como uma continuidade do “fascismo fascista”, uma vez que usa alguns de seus instrumentos mais violentos e se vale da base eleitoral fascista para perpetuar-se durante muitos anos no poder, realizando tudo, entretanto, sob o manto de um discurso hipocritamente antifascista e democrático; o “neofascismo” da sociedade de consumo

reordenava as forças totalitárias em outro plano da existência política e econômica, desenvolvendo-se na dinâmica de uma nova etapa da história humana. O sentido de tal dinâmica é o da mutação antropológica direcionada à homogeneização cultural, em meio à qual valores como liberdade e tolerância foram apropriados em nome da estética da mercadoria e da lógica do fetichismo consumista.

Em um texto de 1º de março de 1975, Pasolini resume admiravelmente sua concepção acerca deste novo fascismo, contra o qual, entretanto, parece-lhe muito mais difícil lutar:

Como tenho de fato sempre dito e repetido, o consumismo não é outra coisa além de uma nova forma totalitária, como totalmente totalizante, como alienante até o limite extremo da degradação antropológica, ou como genocídio (Marx), sua permissividade, então, é falsa: é a máscara da pior repressão jamais exercitada pelo poder sobre as massas urbanas (Pasolini, 2013: 124).

De alguma forma, as reflexões sobre o fascismo desenvolvidas nos *Scritti corsari* acabaram tornando-se uma espécie de depoimento final, ou de testamento intelectual, de alguém que sofreu as conseqüências drásticas do processo que procurou com tanto afincamento e energia crítica revelar aos italianos.

### **Considerações finais**

Do que vimos até aqui, nesse breve recolhimento de alguns dos aspectos essenciais da crítica pasoliniana ao fascismo presente nos *Scritti Corsari*, podemos extrair algumas conclusões importantes acerca da postura do autor e da sua posição *sui generis* no conjunto dos intelectuais italianos de seu tempo. Vale aqui, a título de conclusão e de extrapolação do raciocínio desenvolvido, indicar pontos de uma reflexão sobre o papel que os *Scritti Corsari* assumem no conjunto da obra de Pasolini e o diálogo que mantém com uma certa tradição de pensamento gramsciano.

Primeiramente, lembremos que esse conjunto de “ensaios de emergência” se encaixa numa fase da obra pasoliniana que se pode chamar pós-civil ou pós-nacional. Nessa fase de sua obra registra-se o destino trágico do intelectual que trabalha em um mundo com o qual já não consegue se reconciliar, a não ser através da chave da frustração pessoal, que é, no fundo um reflexo da frustração histórica da sua própria nação. Esse sentimento íntimo e histórico é, portanto, um registro formal que sublinha ou acentua a necessidade de ruptura radical com o mundo (aquele do neocapitalismo) que é tomado como “infernial”. A necessidade de reiterar a ruptura, entretanto, é, dialeticamente, o que faculta ao

artista e intelectual discernir o sentido da história e imaginar algumas de suas relações causais estruturantes.

Lembremos aqui que, nesse contexto pós-civil ou pós-nacional, antecedem os *Scritti Corsari* textos como os poemas de *La divina mimesis* (1963-1968) e de *Trasumanar e organizzar* (1971). Vale recordar ainda que, contemporaneamente à escrita dos artigos corsários, Pasolini trabalhava na elaboração de duas outras obras, o longa-metragem *Saló ou 120 de sodoma* (1975) e o romance *Petrolio*, publicado postumamente apenas em 1992. Todas essas obras são expressões, segundo meios e técnicas muito específicas, de uma concepção de mundo que se tornou obsessiva para Pasolini após os anos 60. Tal concepção de mundo assume como dado empírico incontornável e como ponto de partida para a expressão intelectual o fato de que, para usar as palavras de Marx, o mundo contemporâneo se nos é apresentado como um imenso arsenal de mercadorias. Dessa forma, a interpretação do mundo desejada pelo pensamento ou pela arte precisará fundamentalmente passar pela compreensão do mundo como o mundo do totalitarismo da mercadoria. A unidade desse grupo heterogêneo de obras da fase final de Pasolini está na postura intelectual comprometida com a idéia de que não haverá pensamento estético ou político possível que não seja radicalmente destinada a desvendar o fascismo infernal que é a atmosfera que sustenta a lógica e a estética da mercadoria.

É nesse sentido que há uma renovação da influência de Dante na obra de Pasolini. Todas essas obras da sua última fase concebem o mundo do neocapitalismo como o inferno por onde o intelectual ou o artista nos guia, assumindo uma função de sombra do poeta empenhado civilmente. Nos *Scritti corsari*, o caráter corsário é um sintoma dessa maneira como o poeta se assume como “sombra” do poeta que pertencera e expressara mundo nacional e civil; uma “sombra” que vaga pelo mundo neocapitalista infernal a procura de respostas para o presente e o futuro.

Uma outra sombra presente nos escritos é Gramsci. Lembremos que, em 1957, Pasolini publicou um volume de poemas intitulado *As cinzas de Gramsci*. Neste livro, o autor, ainda imbuído de destinação poética civil, fazia um “acerto de contas” com o pensamento italiano, tentando refletir e expressar artisticamente o período do pós-guerra. A figura central ali presente, como já indica o título, é a de Gramsci, uma de suas maiores influências intelectuais.

Quem lê com atenção os *Scritti corsari* e procura situá-los na tradição do pensamento italiano percebe que ele deve muito à maneira segundo a qual Gramsci enxergava a sociedade italiana, a emergência do fascismo e a expansão do “americanismo”. Assim, não parece despropósito afirmar que esses escritos críticos estão, de alguma forma retrabalhando “cinzas de Gramsci”, como nos



poemas de 1957, mas sem o tino civil daqueles textos.

Ainda está por ser feito um estudo de contraste minucioso entre os dois autores poderia tornar um pouco mais clara a posição de Pasolini na longa e robusta tradição italiana de pensadores públicos, que fizeram do debate da conjuntura política presente matéria fundamental da reflexão mais aprofundada acerca dos dilemas da sua nação no contexto dos movimentos histórico-sociais que se delineiam em escala global ao longo do século XX.

A esse respeito, observe-se, por exemplo, como o estilo dos escritos corsários se embebe de uma agoniada atenção à conjuntura do presente e assim também acontecera nos primeiros escritos de Gramsci: os fatos que emergem do cotidiano nacional italiano os motores da reflexão antifascista de Pasolini. Esses fatos estimulam o autor a uma apaixonada e desencantada imersão na batalha das idéias, a qual também é uma evidente herança gramsciana, como já vimos anteriormente neste artigo. Entretanto, em Pasolini, não se trata mais de, como fizera Gramsci, criar as condições subjetivas para a ação revolucionária. Diferentemente de quando o fascismo “arcaico” emergia, no tempo de Gramsci, o fascismo “de consumo” não deixaria alternativas no horizonte da transformação social. Para Pasolini, este fascismo, profundo e violento, havia realizado uma intervenção na alma dos italianos que não fora possível nem mesmo ao regime de Mussolini.

A contração de possibilidades revolucionárias intentadas pelo fascismo que se utilizava da pequena burguesia italiana era no início dos anos 1970 diagnosticada por Pasolini como a grande vitória do totalitarismo da sociedade de consumo. O que o crítico corsário está analisando nesse seu último conjunto de textos críticos é, na verdade, algo que Gramsci havia previsto em seus estudos sobre o “americanismo”. Para Gramsci, o “americanismo” era uma nova forma assumida pelo capitalismo nos Estados Unidos, que se estruturava de modos inovadores, vertical e horizontalmente, nas esferas econômica, política e ideológica. A capacidade de expansão do “americanismo”, segundo Gramsci, era muito maior do que a do fascismo. É de dentro de um desses ciclos de expansão do “americanismo”, o da própria sociedade de consumo, que Pasolini tenta pensar criticamente a vida política da Itália.

Dessa forma, não seria despropósito considerar os *Scritti corsari* como uma espécie síntese dialética entre uma “continuação positiva” e uma “consumação negativa” da tradição de pensamento crítico italiano centrada na obra de Antonio Gramsci. Seu método crítico recolhia atentamente os fatos mais próximos e evidentes da vida italiana e os inseria, com grande acuidade reflexiva, na dimensão da totalidade e da historicidade contemporâneas. Também sob esse aspecto, o ensaísmo corsário de emergência conecta-se com a

tradição gramsciana e marxista. Embora não possuísse a intenção de formular (e talvez nem mesmo tivesse tal capacidade), como fizera o filósofo sardo, uma série de categorias capazes de explicar os movimentos da história do capitalismo, Pasolini jamais deixou de empenhar em seus escritos o lastro político do marxismo. Nesses termos, Gramsci é o grande filtro da tradição marxista de Pasolini. Pelo exemplo do estilo polêmico, pela atenção incansável à conjuntura e pela forma como o pensamento acerca do nacional determina a reflexão sobre a totalidade e o universal. É, portanto, centrando o foco em essas e outras questões que se pode enxergar Gramsci nos *Scritti Corsari*.

Mas como as formas de opressão geradas pelo capitalismo impiedosamente não cessam de fazer as suas vítimas, uma outra coisa une os dois pensadores: entre as fileiras dos grandes intelectuais anticapitalistas, Gramsci é a grande vítima do fascismo “arcaico”, assim como Pasolini é a grande vítima do fascismo “de consumo”. O legado de um e de outro, entretanto, ainda permanece abastecendo a vigília daqueles que se emprenham na luta contra as formas novas do fascismo, do totalitarismo e da opressão.

## Bibliografía

BERARDINELLI, A. 2013. “Prefazione”. Em: –, *Scritti corsari*. Milano: Garzanti.

GRAMSCI, A. 2011. *O leitor de Gramsci*. Organização de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

PASOLINI, P.P. 2013. *Scritti corsari*. Milano: Garzanti.

---

### Alexandre Pilati

Doutor em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, Brasil. Desde 2008 é professor desta mesma Universidade. Realiza pesquisas no campo da crítica literária marxista, com ênfase especial para a teoria literária, o ensaísmo e a poesia. É autor do livro *A nação drummondiana – quatro estudos sobre a presença do Brasil na poesia de Carlos Drummond de Andrade* (Ed.7Letras, 2009). Este texto é um dos resultados do projeto de pesquisa “A poética anticapitalista de Pasolini”, desenvolvido no âmbito do estágio de Pós-Doutorado realizado por mim no ano de 2015 na Universidade de Buenos Aires.